

Da contribuição da Romanística alemã para os estudos de Linguística histórica portuguesa: Joseph M. Piel e Harri Meier

DIETER KREMER
(Universidade de Trier)

1. Não me sinto demasiado à vontade com o tema que me foi proposto pelos organizadores deste encontro. Por um lado, a sua envergadura ultrapassa evidentemente os limites de uma breve comunicação: seria difícil satisfazer as exigências que requer a justa apresentação de dois “monstros sagrados” da filologia românica e portuguesa, para além das temáticas “Linguística histórica” e “Romanística alemã”. Por outro, tenho de me aventurar numa disciplina que não me é demasiado familiar: com efeito, pode-se considerar a “Historiografia linguística” como uma disciplina autónoma. Pessoalmente prefiro separar o curso sobre a história dos estudos românicos do trabalho linguístico concreto, o qual, evidentemente, tem de ter em conta o que já se fez em tal área. Voltarei a este assunto ao falar de Harri Meier. É precisamente este nome que, em Portugal, parece soar menos conhecido. Terá sido esquecida a importante parte dedicada a Portugal e à Península Ibérica na obra deste grande romanista, a quem Coseriu chamou “um dos maiores lusitanistas alemães”¹? Ao mesmo tempo acho-me algo inibido: teria sido o Professor Dieter Woll – aqui presente e aluno do mestre, juntamente com quem publicou, em 1977, a edição das *Portugiesische Märchen* (contos de fada portugueses) – a pessoa indicada para dar testemunho de Harri Meier. No que diz respeito ao Prof. Piel, já foi evocado num destes encontros e dispomos dos interessantes “Sete ensaios sobre a obra de J.M. Piel”, do Seminário de linguística portuguesa histórica, da Faculdade de Letras de Lisboa.

Diz Ivo Castro na sua apresentação destes “Ensaios”:

Aprende-se muito a ver como trabalharam os que nos precederam. Mais instrutiva que uma monografia é – para o estudante – a observação dos instrumentos utilizados pelo autor e do modo como ele lhes pegou, ou seja, os truques do ofício; mais excitante é a descoberta dos seus pontos de fé, princípios teóricos de que parte e que nem sempre sente necessidade de explicitar,

como o é também a descoberta eventual de preconceitos, se eles tiverem influenciado o traçado da investigação e a concepção da obra.²

Nesta perspectiva didáctica, a historiografia linguística parece-me do mais alto interesse. Ainda que seja difícil dominar o resultado global de uma longa vida de investigador. Os dois mestres em questão – além de romanistas no sentido clássico da palavra – “produziram” muito e durante longos anos: Harri Meier durante 64 anos, entre 1926 e 1990, e Joseph M. Piel, em muitos aspectos seu antípoda, durante 63 anos ou seja entre 1929 e 1992. Harri Meier foi o único que publicou, nos últimos anos da sua vida, uma espécie de guia da sua “filosofia” linguística ou seja os seus *Prinzipien der etymologischen Forschung* (“Princípios da investigação etimológica”); teria um evidente interesse a tradução desta obra para o português. De Piel temos, datado de 1953, um pequeno “Credo” do seu trabalho etimológico, além de tomadas de posição nos comentários críticos a Coromines, Meier e Machado³. Chamo a atenção, neste contexto, para a futura publicação das *Obras* do Prof. Piel em Santiago de Compostela. Esta edição, que incluirá os muitos inéditos (achegas acabadas, fragmentos, correcções, notícias) – ainda não sei que fazer dos manuscritos das lições e seminários em alemão e em português – será da maior utilidade por permitirem um acesso directo à sua obra completa.

Continua Ivo Castro, referindo-se a Piel:

Piel era aluno directo de Meyer-Lübke, professor desde 1926 na Universidade portuguesa, primeiro em Coimbra, onde durante longuíssimos anos contribuiu para a formação de gerações de linguistas portugueses, e mais recentemente em Lisboa, com um período intermédio⁴ de docência alemã, que parece responsável pelo surgimento de uma forte camada de lusistas⁵ que se encontram em plena actividade nas universidades germânicas. Piel apresentava-se aos nossos olhos como uma figura singular de neo-gramático vivo e activo (etc.).⁶

Vistas hoje, estas afirmações de 1988 são talvez um tudo nada efusivas. Ao mesmo tempo entramos em cheio no tema desta comunicação. Se é verdade que várias gerações de linguistas – e não só – passaram pelo ensino do professor alemão de Coimbra (e, mas já com um impacto menos sensível, de Lisboa), isto não quer dizer que haja hoje, em Portugal, uma escola “pieliana” ou sequer uma forte presença, na Universidade, da *linguística histórica portuguesa*. Piel, ao contrário eventualmente de Harri Meier, nunca criou uma “escola” – era demasiado tímido, prudente, discreto – e o que se nota, actualmente, é uma forte preocupação com a *filologia* (ou a ciência dos textos, geralmente medievais) e uma linguística mais “aplicada” e sincrónica.

Falar hoje de “uma forte camada de lusistas” na Universidade alemã parece cinismo. Se é verdade que praticamente todos os doutorandos do Seminário de Românicas da importante Universidade de Colónia do pós-guerra usufruíram do ensino de Piel, único catedrático de Linguística, se não poucos dos seus alunos ocupam (ou ocuparam) cátedras universitárias, também é verdade que os Estudos Portugueses levam nestes momentos uma vida bastante difícil e marginal, com tendência para piorar. As razões são múltiplas e não vale a pena entrar aqui em pormenores⁷. Temos de aceitar uma situação que é caracterizada, a meu ver, por uma geral nivelção (para não falar de mediocridade) e pelo

facto de perdurar, em muitos institutos romanísticos, uma explícita a-historicidade dos estudos linguísticos. Uma disciplina como a clássica *Filologia*, que se cultiva com proveito em vários países, está praticamente ausente da Universidade alemã actual. Os dois nomes aqui tratados não representam, pois, a Romanística alemã actual, nem no que respeita à categoria científica, nem às áreas investigadas. Parece-me pertinente sublinhar esse aspecto para denunciar a romântica atitude de considerar os romanistas alemães como algo de melhor, de mais sólido e de superior: há que aceitar o facto de, por exemplo, uma tese de doutoramento espanhol poder ser superior a uma "Habilitation" alemã. É importante sair de concepções um tanto fechadas e ultrapassar as fronteiras linguísticas e culturais: a Romanística (com todas as suas filologias individuais) é, por definição, uma disciplina internacional.

Foi precisamente esta abertura, obrigatória uma vez que se trata de línguas estrangeiras – a Germanística, ou seja o estudo da própria língua alemã, encontra-se (ou encontrava-se) numa situação oposta – que fez, no seu tempo, da Romanística alemã o "leader" da disciplina. E Harri Meier e Joseph M. Piel foram dois exemplos destacados, cada um à sua maneira, desse glorioso passado. Mas tal predominância, a que alguns chamam "germânica", e que pessoalmente insisto em designar de "alemã", tem (ou teve) precisamente um inconveniente que contribuiu, eventual e paradoxalmente, para a sua mitificação: muitos de nós escrevemos em alemão, língua que já não se pode considerar como língua internacional da ciência. Consequentemente, muitas obras só se conhecem de título ou se utilizam mal por deficientes conhecimentos linguísticos. Trata-se, aliás, de uma temática controversa que não posso desenvolver aqui, mas que chama a atenção para a utilidade de traduções de obras básicas e para alguns conhecimentos básicos da língua alemã.

2. Foi Harri Meier um dos grandes romanistas alemães, competentíssimo, militante, controverso, não se podendo resumir uma vida científica com a envergadura da sua nos poucos minutos de uma comunicação. Passo por cima de Meier, mestre querido por se dedicar sem reserva e temido por ser exigente, mestre "para quem incentivo, ensino e crítica estimulante sempre significaram mais que a observação de deveres de rotina", mestre nada fácil⁸. Impressiona a grande quantidade de alunos com que se reuniu semanalmente no Seminário de Bona até muito depois da sua jubilação (em 1973), para discutir problemas e métodos etimológicos. No entanto, não criou propriamente uma "escola", talvez por ele ter sido demasiado exigente e inimitável, talvez por os estudos etimológicos ou linguístico-históricos terem passado de moda. Da actividade do sucessor na primeira cátedra da Romanística – a do "fundador" Friedrich Diez, de Wilhelm Meyer-Lübke e de Ernst Robert Curtius – testemunham muitas teses de doutoramento. Entre elas e no nosso contexto, a de Heinz Kröll, *Onomasiologische Beiträge zur portugiesischen Volks- und Umgangssprache*, de 1952 (e com Harri Meier ainda na Universidade de Heidelberg), tese publicada sob o título *Designações portuguesas para 'embriaguez'*, em Coimbra 1955; a de Dieter Woll, *Wirklichkeit und Idealität in der Lyrik Mário Sá-Carneiros* (Realidade e idealidade

na lírica de Mário de Sá Carneiro), de 1960, a de Sigrid Buschmann, *Beiträge zum etymologischen Wörterbuch des Galizischen* (Contribuições para o Dicionário etimológico do galego), de 1965, e da qual só foi publicada a primeira parte (letras A-F), e a de Karl Heinz Delille, *Die geschichtliche Entwicklung des präpositionalen Akkusativs im Portugiesischen* (A evolução do acusativo preposicional no português), de 1970.

Também passo por cima das múltiplas facetas das guerras meierianas, da qual a mais célebre foi a mantida com Gerhard Rohlfs e as *Lettres persanes* deste último. O campo destas batalhas científicas entre Harri Meier e muitos adversários de renome foi o da etimologia. Trata-se, no entanto, apenas de uma das áreas de investigação de que se ocupou o mestre de Bona e pareceria injusto fazer um “outing” do Meier-etimólogo, se bem que a etimologia tenha dominado a segunda fase da sua vida científica. Certamente, a lição de Eugenio Coseriu, “Harri Meier: Sprachgeschichte als Berufung” (H.M., História da língua como vocação) constitui a mais pertinente e fina caracterização de Meier. Coseriu distingue com muita sensibilidade Harri Meier como historiador da língua, a partir de sua importante tese *Beiträge zur sprachlichen Gliederung der Pyrenäenhalbinsel und ihrer historischen Begründung* (Contribuições para a formação linguística da Península Ibérica e a sua explicação histórica), Hamburgo 1926 (publicada em 1930), onde discute e reformula a concepção linguística de Menéndez Pidal⁹.

Uma segunda dimensão da actividade de Meier foi a investigação sintáctica e estilística¹⁰, especialmente aplicada ao português. Basta lembrar, neste contexto, artigos como “*Está enamorado – anda enamorado. Über die Beziehungen von Syntax und Bedeutungslehre*” (Sobre as relações entre sintaxe e semântica), de 1933, “*Port. seu mentiroso!, span. ¿so mentiroso!*”, de 1950, “A génese do infinito flexionado português”, igualmente de 1950, “*Die Syntax der Anrede im Portugiesischen*” (A sintaxe do tratamento no português), de 1951, ou “*Zum Artikelgebrauch bei Possessivpronomina im Portugiesischen*” (A propósito da utilização do artigo com os pronomes possessivos em português), de 1957.

Nas últimas décadas (cito segundo Coseriu, p. 30), aproximadamente a partir de 1950, Harri Meier dedicou-se cada vez mais e finalmente quase exclusivamente à investigação da etimologia românica, uma actividade que se reflete em inúmeros ensaios dele próprio e de seus alunos (mas principalmente dele próprio), em numerosas teses por ele estimuladas e assistidas e uma série de miscelâneas e cujo quadro teórico e bases metodológicas foram demarcadas, por assim dizer adicionalmente, na magistral síntese do ano de 1986 (os já indicados “Princípios da investigação etimológica”).

Meier nunca publicou um dicionário, nisto parecido com Piel (abstraindo os inventários onomásticos). Ambos foram autores de monografias etimológicas. É, aliás, precisamente a discussão da delimitação entre monografia etimológica e dicionário etimológico – tarefas bem distintas, segundo Meier – a contribuição de Harri Meier ao volume de homenagem a Joseph M. Piel, de 1988¹¹. Nada disso torna mais fácil avaliar a dimensão concreta das suas obras magnas. Nos derradeiros anos, a produção de Meier foi-se precipitando. Saíram os volumes

Primäre und sekundäre Onomatopöien und andere Untersuchungen zur romanischen Etymologie, 1975,

Lateinisch-romanische Etymologien, 1981,

*Die Entfaltung von lateinisch *vertere/versare* im Romanischen. Beiträge zur Geschichte einer etymologischen Großfamilie*, também em 1981,

Notas críticas al DCEH de Corominas/Pascual, 1984, como Anexo de *Verba*, e completado em 1987 com 70 novas páginas,

Aufsätze und Entwürfe zur romanischen Etymologie, igualmente em 1984, os

Prinzipien der etymologischen Forschung. Romanistische Einblicke, 1986, e os

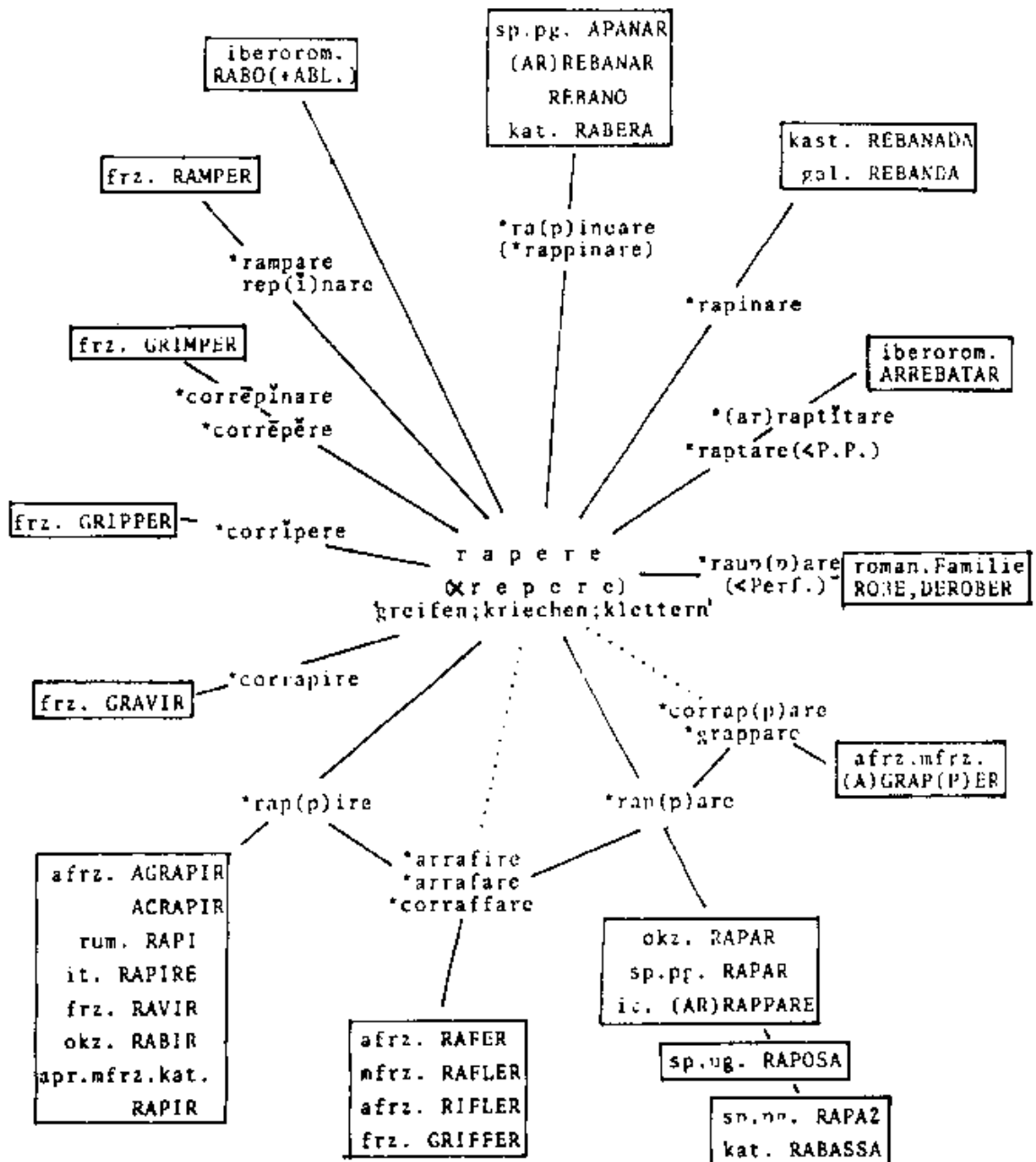
Etymologische Aufzeichnungen. Anstöße und Anstößiges, 1988.

O método etimológico de Harri Meier é bem conhecido, mas são poucos os que, por falta de vontade ou inibidos por preconceitos, se empenham em discutir serenamente as explicações ou as pistas por ele propostas (não impostas). Estamos assim numa situação clássica: por não se gostar da maneira, na aparência preconcebida, como Meier tratava a etimologia das línguas românicas, ignora-se pura e simplesmente a sua contribuição, a qual é, aliás, importantíssima para as línguas ibero-românicas e em especial para o galego e o português. Uma situação destas não se pode comparar, de modo algum, com a atitude face a um José Pedro Machado, por exemplo: mundos separam um do outro. A verdade é que vale a pena deixar-nos empolgar pela discussão dos argumentos aduzidos por Meier. Estes argumentos vêm repetidos em muitas publicações, as de mais fácil acesso sendo certamente os já citados *Princípios*, de 1986, ou, em resumo, "Etapas de la etimología románica", "séance extraordinaire" do XVIII Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, de Trier em 1986. Não disponho aqui do tempo necessário para entrar nesta matéria sumamente interessante e importante. Poderia fazer a leitura de uma selecção de citações de Meier, as quais forneceriam bastante matéria para uma discussão proveitosa. Os "princípios" de Meier são principalmente, e muito (demasiado) sucintamente, os seguintes:

- Interrogação das etimologias clássicas ou geralmente aceites, insistindo na necessidade (e honestidade) de considerar os precursores da "méthode critique" desde Friedrich Diez, e de conhecer e respeitar a produção contemporânea, mesmo quando divergente.
- Insistência na importância de tratar a família lexical e, daí, na
- Importância da morfologia lexical (ou formação de palavras).
- Relatividade da fonética histórica e das suas "leis" e da diferenciação entre palavra popular e cultismo.
- Relatividade da cronologia etimológica e fonética, devida à casualidade da documentação histórica.
- Interdependência entre mudança formal e semântica.
- Separação da etimologia e da história da palavra (ou da dependência desta da etimologia).
- Preferência absoluta das etimologias latinas.

- Uma certa fobia contra as onomatopéias e influências dos substratos e dos superstratos.

Como já disse, é difícil satisfazer aos princípios de Meier através da simples enumeração de algumas generalidades. Sirvam como ilustração, absolutamente fortuita, um exemplo de uma família lexical/formação de palavras (Figura 1) e



Die Familie von lat. r a p ě r e im Romanischen (nach H. Meier)

Figura 1

In: D. Kremer, *recensão de Harri Meier, Lateinisch-romanische Etymologien* (1981), *Beiträge zur Namenforschung N.F.* 18 (1983), p. 192

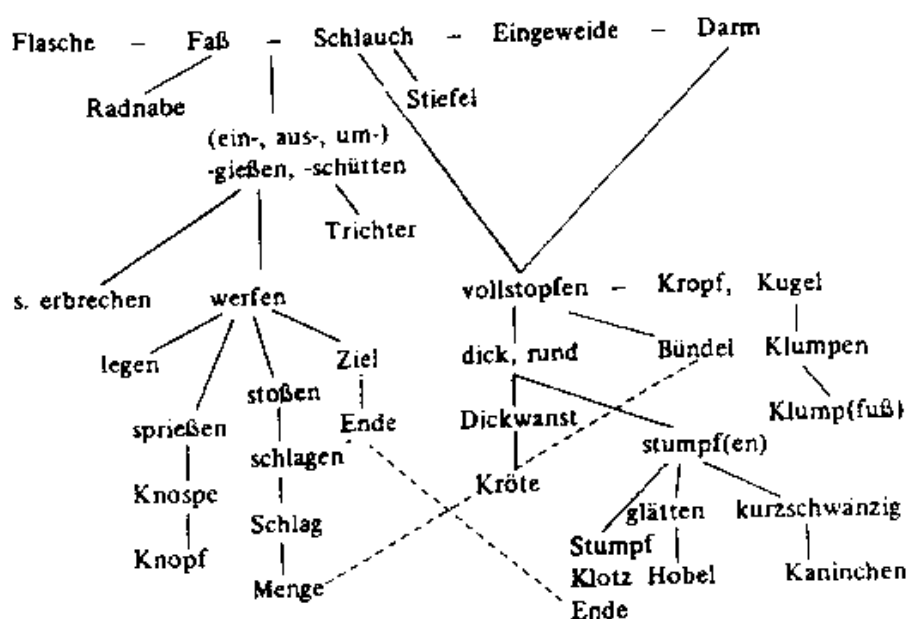


Figura 2

In: Harri Meier, *Primäre und sekundäre Onomatopöien*, p. 342

outro de uma "árvore genealógica" semasiológica (Figura 2), que mostram até que extremos Meier consegue geralmente avançar nos seus estudos. No mencionado estudo sobre a "Großfamilie" (conceito que se pode traduzir aproximadamente por 'grande família etimológica') do latim *VERTERE/VERSARE*, Meier reúne nada menos de 39 palavras-base do léxico galo-românico descendentes de um arquilexema *VERS-*. Seguindo este caminho de maneira sistemática, umas 1.000 arquipalavras latinas dariam uns 40.000 lexemas românicos (sem contar os seus derivados secundários). O problema é distinguir entre o que é provável e o que é puramente especulativo (e muitas vezes se declara como tal). Meier, habituado às hostilidades, nunca perdeu o bom humor.

O espanhol *macho*, considerado por alguns como lusismo, por outros uma das soluções castelhanas possíveis do latim *MASCULU*, é para Meier pretexto para voltar aos seus dois importantes tratados sobre a formação histórica dos domínios linguísticos da Península Ibérica. A propósito, evoca a distinção que estabeleceu desde 1926, lamentando de caminho a pouca discussão que suscitou tal proposta¹², entre as várias fases da formação do castelhano: primeiro, a herança comum com o Ocidente formando a parte mais oriental da Gallaecia; segundo, a formação do castelhano no extremo Norte (ou Cantábria); terceiro, a expansão com a Reconquista para territórios que tinham pertencido à Tarraconense romana, sendo o castelhano literário medieval o resultado de divergências entre as variantes ocidentais e orientais.

Quanto aos germanismos – e é aqui que confronta, mas de modo nenhum em sentido militar, *Piel* –, é verdade que tenta explicar quase tudo a partir do latim como, só por exemplo, o discutido *grova* a partir de *COVA, COVULA*¹³, mas

admite que a futura investigação dependerá decisivamente da cooperação da Germanística na solução dos problemas comuns da Germânia Romana e da România Germânica¹⁴.

Grande provocador, nunca perdeu a serenidade e tratou com subtil ironia e indulgência os seus críticos, aos quais censura a falta de boa vontade e de visão para além dos preconceitos, que os impedia de entrar na própria discussão das suas propostas.

A ligação a Portugal e a predilecção por temas portugueses da parte de Harri Meier tem a sua explicação. Em 1943 foi nomeado catedrático em Leipzig e licenciado para ocupar a direcção do Instituto Cultural Alemão de Lisboa. Ao mesmo tempo, e pelo Ministério da Educação português, obteve a nomeação para Professor convidado da Faculdade de Letras de Lisboa, posto em que continuou até 1950 (para ser "chamado" a Heidelberg e, em 1954, a Bona, como sucessor de Curtius). Assim tem explicação, por exemplo, a sua função de co-editor do *Boletim de Filologia* (1945-1950)¹⁵.

Ficaria satisfeito se esta exposição necessariamente mais que sumária contribuisse para um melhor conhecimento deste "desconhecido". Longe de merecerem cair no esquecimento, vale a pena discutir um por um os seus conceitos etimológicos.

Mesmo quando não se chegar a soluções idênticas – parece-me pouco aceitável caminhar até as suas últimas consequências, mas não esqueçamos que o próprio Meier as qualifica como "Anstöße" (ou provocações) – a discussão, também no ensino universitário, desses preciosos "Princípios" será sempre do maior proveito para quem tiver a coragem de a iniciar, precisamente de acordo com a intenção do romanista de Bona. Daí a minha sugestão de publicar, em versão portuguesa, os "Princípios", eventualmente acompanhados, em volume separado, de uma "Miscelânea de etimologias galegas e portuguesas". Encontrariam-se assim Piel e Meier em pé de igualdade. E talvez que assim, e pouco a pouco, se caminhará em direcção ao tão atrasado *Dicionário etimológico da língua portuguesa*.

3. O contraste do hamburguês com o lorenense (ou renano) Professor Piel, cientificamente oriundo de Bona, não podia ser maior, mas já não sobra muito tempo para apresentar este professor alemão aportuguesado (mas em fim de contas alemão), mestre consagrado da Filologia Portuguesa; aliás, tal apresentação já foi por mim feita no acto de homenagem desta Associação, em Outubro de 1988, na presença do saudoso mestre¹⁶. Homem fino e discreto, sem ares de apóstolo ou guerreiro, Piel teve uma actuação menos vistosa mas seguramente tão profunda como a de Meier.

Qualifica-o Ivo Castro como "figura singular de neo-gramático". Além de não gostar de etiquetas, eu não diria assim. Se é verdade que Piel foi aluno fiel de Meycr-Lübke – aparentemente último responsável pela vinda de Piel para Portugal – e que foi notória a sua formação global de romanista "histórico", tenho dificuldades em classificar o método científico de Piel. A disciplina chamava-se então "Filologia Românica" – que quer dizer 'Línguas e Literaturas

(preferentemente medievais) românicas' –, e filólogo foi Piel, como o provam várias edições e ensaios e os seus cursos e seminários nas Universidades de Coimbra, Colónia e Lisboa.

As relações pessoais (boas mas distantes) entre Piel e Meier e o mútuo apreço crítico no campo da etimologia (apreço eventualmente mais reservado do lado de Piel) constituiriam um tema bastante interessante para um historiador da linguística. No centro estaria o fracassado projecto comum de um novo REW dos anos 60¹⁷ – que não consigo imaginar como seria realizado por dois individualistas tais como Piel (em Colónia) e Meier (na vizinha Bona). Além disso, deviam ser filtrados os comentários referentes de um ao outro. A edição das obras de Piel e uma eventual miscelânea das etimologia portuguesas e galegas de Meier facilitariam um tal intento.

Só a título de amostra cito, na sua versão traduzida para o volume dos *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*, como Piel se refere a Meier, falando da etimologia – desde D. Carolina supostamente germânica – de *trofa*:

Mais recentemente [depois de Carolina...], o mesmo problema etimológico foi retomado por Harri Meier numa breve apreciação, chegando à conclusão de “a engenhosa sugestão de Carolina Michaëlis ser pouco convincente, e pouco plausível admitir um visigotismo, tratando-se de uma primitiva protecção de palha contra a chuva, de carácter local”. Segundo o crítico, recomendo dar-se-ia antes pensar no latim *TŪFŪLA = *TŪBŪLA ‘cânula’, de TŪBŪLLUS, etc. Confesso que esta explicação e os argumentos que se lhe seguem não têm nada de convincente, pelo que prefiro passá-los em silêncio (...). É verdade que dificilmente se poderá afirmar peremptoriamente ser *trofa* de origem não latina, mas, por outro lado, também não se deve admitir que este termo possa representar o resultado de metamorfoses fonológicas tão complexas como as admitidas por H. Meier. Assim como, sem dúvida, existem numerosas palavras cuja forma primitiva evoluiu até as tornar irreconhecíveis, também existem outras que resistiram à erosão fonológica através dos séculos, perdendo pouco da sua substância primitiva...

Piel, aliás, não avança nada de concreto sobre a etimologia de *trofa*, que pressupõe celta¹⁸. Também Piel não poupou os etimólogos que considerou de pouca autoridade (figurarão, por exemplo, na futura edição das obras, um longo artigo intitulado “Etimologias que o vento levou...”, onde critica, com toda a elegância, etimologias para ele não aceitáveis). São frequentes, também entre os inéditos, títulos como “Uma etimologia melindrosa” [Belpelhós], “Uma etimologia extratítulos” [Zanzabornín], “Uma etimologia que não carece de revisão” [abetoirol], “Sobre a origem de uma palavra inocente” [careca], etc.

Piel não precisa aqui de uma apresentação pormenorizada. É considerado um dos grandes mestres da linguística histórica portuguesa sem ter publicado, no entanto, grandes obras de referência ou ter mostrado atitudes de grande mestre. A parte da sua obra mais conhecida, mas talvez pouco consultada, são as “achegas” etimológicas, muitas vezes partindo de uma denominação toponímica (hoje diríamos toponímia delexical). A antroponímia propriamente dita interessou-lhe na medida em que forma parte integrante da toponímia (toponímia deantroponímica). São menos conhecidas as suas excursões pelas terras de Miranda e de Astúrias; entre os inéditos se encontrarão alguns materiais interessantes.

O “método” de Piel consiste em interrogar lexemas actuais e retrazar a história, formal e semântica, de tal palavra, sempre baseado nos seus impres-

sionantes conhecimentos histórico-linguísticos (aqui é, eventualmente, “neogramático”) e na sua fina intuição. Era muito consciente da importância da documentação histórica e utilizou-a na medida do possível. Contudo, fez mais etimologia retrospectiva (mais difícil) do que etimologia prospectiva, a qual acompanha a evolução de uma palavra a par de uma documentação histórica. Este processo é mais fácil para nós, uma vez que dispomos de uma base documental bastante mais palpável e, sobretudo, que não temos esta tradicional formação romanística. Estamos nós numa nova fase de positivismo. Tanto mais importante e admirável é, por isso, a obra destas duas grandes figuras da Romanística alemã “tradicional” e que tanto contribuíram para o estudo da história da língua portuguesa.

NOTAS

- ¹ “Er war überhaupt einer der größten deutschen Lusitanisten, hat sich intensiv sowohl mit der Geschichte als auch mit der Beschreibung des Portugiesischen beschäftigt und hat auch viele Beiträge direkt auf portugiesisch verfaßt”, E. Coseriu, *In memoriam*, p. 29.
- ² *Sete Ensaíos*, p. 1.
- ³ *Miscelânea*, pp. VIII-X, passagem citada em D. Kremer, *Joseph M. Piel*, p. 9 e s.
- ⁴ *Lapsus* que considero não intencional.
- ⁵ Dito.
- ⁶ *Sete Ensaíos*, 1 e s. O sublinhado é meu.
- ⁷ Cf., p.ex., D. Kremer, “O português na escola e universidade alemãs”, Inês Duarte / Isabel Leiria, *Actas do Congresso internacional sobre o Português*, vol. II, Lisboa 1996, pp. 7-31.
- ⁸ “Sie [a “Homenagem”] ist dem Lehrer zugedacht, dem Anregung, Anleitung und fördernde Kritik stets mehr bedeutenden als die Wahrnehmung von Routinepflichten. Sie ist schließlich dem Freund gewidmet, der unbeugsam seine Gesinnung bekundete und leichten Kompromissen unbedingte Lösungen vorzog, wenn es ihm die Sache zu erfordern schien”. Coseriu/Hempel 1971, prefácio. Cf. também Wolf-Dieter Stempel, “Harri Meier zum Gedächtnis”, *In Memoriam*, pp. 38-43.
- ⁹ E. Coseriu, *In Memoriam*, pp. 21-29.
- ¹⁰ E. Coseriu, *In memoriam*, pp. 29-30.
- ¹¹ H. Meier, “Etymologische Monographie und Etymologisches Wörterbuch”, D. Kremer (ed.), *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85.º aniversário*, Tübingen: Niemeyer 1988, pp. 377-386.
- ¹² *Etymologische Aufzeichnungen*, p. 66.
- ¹³ Cf., por exemplo, a discussão à volta da comunicação “La posición del gallego en la etimología románica”, D. Kremer / R. Lorenzo, *Tradición, actualidad e futuro do galego*, pp. 99-108, e as notas de J. Hubschmid, “Bemerkungen zu galicisch grova”, *ib.*, pp. 109-112.
- ¹⁴ *Primäre und sekundäre Onomatopöien*, p. 254.
- ¹⁵ Também foi editor dos *Ibero-amerikanische Studien* 1-17 (1935-1945) e coeditor do *Archiv für das Studium der neueren Sprachen und Literaturen* 198ss. (1962ss.).
- ¹⁶ Cf. D. Kremer, “Joseph M. Piel (1903-1992)”, *RPF* 20 (1995), pp.267-280.
- ¹⁷ Cf. “De l’ancien REW au nouveau REW”, *Lexicologie et lexicographie françaises et romanes*, Paris: CRNS 1960, pp. 221-239. Sobre esta temática cf. também Max Pfister, *Einführung in die romanische Etymologie*, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft 1980, pp. 127-129 et D. Kremer, “Joseph M. Piel”, p. 274, nota 2.
- ¹⁸ *Estudos*, p. 77 e s.

BIBLIOGRAFIA

- BORK, Hans Dieter ; GREIVE, Artur ; WOLL, Dieter (edd.): ROMANICA EUROPAEA ET AMERICANA. *Festschrift für Harri Meier*, 8. Januar 1980, Bonn: Bouvier 1980.
- COSERIU, Eugenio ; STEMPEL, Wolf-Dieter (edd.): *Sprache und Geschichte. Festschrift für Harri Meier zum 65. Geburtstag*, München: Fink 1971.
- In memoriam Harri Meier*, Reden gehalten am 8. Juni 1991 bei der Gedenkfeier der Philosophischen Fakultät der Rheinischen Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn, Bonn: Bouvier 1992 (= Alma Mater, 75)
- KREMER, Dieter (ed.): *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85.º aniversário*, Tübingen: Niemeyer 1988.
- "Joseph M. Piel (1903-1992)", *RPF* 20 (1995), pp. 267-280.
- LANGE, Wolf-Dieter ; WOLF, Heinz Jürgen (edd.): *Philologische Studien für Joseph M. Piel*, Heidelberg: Winter 1969.
- MEIER, Harri: *Primäre und sekundäre Onomatopöien und andere Untersuchungen zur romanischen Etymologie*, Heidelberg: Winter 1975
- Lateinisch-romanische Etymologien*, Wiesbaden: Steiner 1981 (= Untersuchungen zur Sprach- und Literaturgeschichte der romanischen Völker, X)
- Die Entfaltung von lateinisch vertere/versare im Romanischen. Beiträge zur Geschichte einer etymologischen Großfamilie*, Frankfurt: Klostermann 1981 (= Analecta Romanica 47)
- Notas críticas al DCEH de Corominas/Pascual*, Santiago de Compostela 1984 (= *Verba*, Anexo 24), aumentado: "Nuevas anotaciones al Diccionario Etimológico de Corominas/Pascual", *Verba* 14 (1987) 5-74.
- Aufsätze und Entwürfe zur romanischen Etymologie*, Heidelberg: Winter 1984 (= Abhandlungen der Heidelberger Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-historische Klasse 1984/1)
- Prinzipien der etymologischen Forschung. Romanistische Einblicke*, Heidelberg: Winter 1986
- "Etapas de la etimología románica", séance extraordinaire, D. Kremer (ed.), *Actes du XVIII^e Congrès international de Linguistique et de Philologie Romanes (Trier 1986)*, vol. VII, Tübingen 1989, 37-46.
- Etymologische Aufzeichnungen. Anstöße und Anstößiges*, Bonn: Romanisches Seminar der Universität 1988 (= RVV 54)
- "Etymologische Monographie und Etymologisches Wörterbuch", in: D. Kremer 1988, 377-386.
- PIEL, Joseph M.: *Miscelânea de etimologia portuguesa e galega (Primeira série)*, Coimbra: Universidade 1953.
- Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda 1989.
- Seminário de Linguística Portuguesa Histórica: Sete ensaios sobre a obra de J.M. Piel*, Lisboa 1988 (= Publicações do Instituto de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa, 2)